MEROPE • 8 1 / 1993 Solfanelli

LETTERATURA

Francesco Marroni - Fernando Cipriani
Silvia La Regina - Elisabetta Cori
Laura Caronna - Marisa Bove

CINEMA

Anita Trivelli

ISSN 1121-0613

Anno V - N. 8 - Gennaio 1993 — £. 15.000

Marino Solfanelli Editore

Silvia La Regina

A recepção de Gregório de Matos no século XVIII

O objetivo deste trabalho é analisar a recepção da obra de Gregório de Matos na época anterior à sua primeira publicação*. O grande poeta satírico baiano, vivido no século XVII, situa-se como um nó fundamental, desafio para praticamente todos os maiores — e menores — críticos brasileiros, e, por vezes, estrangeiros. Ele pois tem representado e representa ainda hoje de alguma forma o simbolo da busca de uma nacionalidade literária, e nessa ótica as leituras mais diferentes exaltaram ou ridicularizaram sua obra (1). Talvez não seja de todo exagerado afirmar que uma história de sua recepção, num trabalho de mais amplo fôlego, possa vir a representar uma pequena história da crítica e sobretudo da cultura brasileira.

Como é sabido, a obra do poeta brasileiro, que morreu em 1695, só conheceu o prelo quase 150 anos depois, em 1831, e ainda assim numa edição parcial e limitadíssima (2). Isso levou Antonio Candido a avaliar o escritor e seus poemas em

*) Este escrito foi redigido seguindo as atuais normas brasileiras do português.

1) Sobre este assunto cf. Stegagno Picchio, Luciana, *La letteratura brasiliana*, Firenze, Sansoni 1972, na p. 82; uma nova e atualíssima síntese do estado da crítica sobre Matos e o barroco brasileiro de uma forma geral encontra-se em *Profilo della letteratura brasiliana*, Roma, Editori Riuniti, 1992, nas p. 18-23.

2) Barbosa, Januário da Cunha, *Parnaso Brasileiro*, 2 vols., Rio, Tip. Nacional, 1829-1831, II, p. 53-63.

termos de não influência e até inexistência literária:

> (...) embora tenha permanecido na tradição local da Bahia ele [GM] não existiu literariamente (em perspectiva histórica) até o romantismo, quando foi redescoberto, sobretudo graças a Varnhagen (...). Antes disso, não influiu, não contribuiu para formar o nosso sistema literário, e tão obscuro permaneceu sob os seus manuscritos que Barbosa Machado, o minucioso erudito da *Biblioteca Lusitana* (1741-1758), ignora-o completamente (...) (3)

Não pode ser esquecido que na perspectiva assumida por Antonio Candido ao longo de toda a *Formação*, Gregório de Matos não podia existir, ou seja, como todos os autores anteriores aos árcades, não tinha espaço na concepção que sustenta esta obra fundamental.

Para começar, esta é a situação textual da obra de Gregório de Matos. Hoje em dia os estudiosos dispõem de 23 códices gregorianos, em 34 volumes assim divididos:

- 11 códices estão no Brasil, sendo 4 do século XVII e 7 do século XVIII. A maioria deles faz parte da coleção da Biblioteca Nacional do Rio ou da Biblioteca do Itamaraty.
- 10 códices em Portugal, todos do século XVIII (um talvez do fim do século XVII), quase todos completamente inéditos; existe também um cancioneiro que inclui dois poemas atribuídos ao poeta baiano (4).
- 2 códices em Washington, um datado de 1711 (5).

3) Candido, Antonio, *Formação da literatura brasileira* - Momentos decisivos. 2 vols. 5a ed. Belo Horizonte, Itatiaia / São Paulo, Edusp, 1975. I, p. 24. Sobre a postura de Antonio Candido na *Formação* em relação a Gregório de Matos e ao barroco brasileiro de uma forma geral, cfr. Campos, Haroldo de, *O sequestro do barroco na Formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Mattos*, Salvador, Fundação Casa de Jorge Amado, 1989.

4)Martins, Heitor, "Gregório de Matos, mitos e problemas", *Do barroco a Guimarães Rosa*, Belo Horizonte, Itatiaia / Brasília, INL, 1983, pp. 235 245.

5) Consultei sobre o assunto dos códices gregorianos: Biblioteca Nacional, *Manuscritos: séc. XII-XVIII*. Pergaminhos iluminados e documentos preciosos, Rio, Biblioteca Nacional, 1973, nos nrs.111-118; Houaiss, Antônio, "Tradição e problemática em Gregório de Matos", in Gregório de Matos, *Obra Poética*, 2a ed., org. de James Amado, Rio, Record, 1990, pp. 1273-1278; Peres, Fer-

Esta situação, extremamente rica, é também de extrema complicação, pois, como é sabido, estes códices são todos apógrafos. Gregório de Matos, num curioso paralelismo com seu mestre ideal Quevedo, não publicou nada em vida (a não ser uma sentença, obviamente irrelevante aos fins literários, de quando era juíz em Portugal, na famosa obra de Pegas, em 1682) (6), nem conhecemos autógrafos do poeta. Um outro paralelismo possível é com Camões, a cujos sonetos vieram se aglutinando composições alheias: assim, os manuscritos ditos gregorianos foram recebendo poemas de autores desconhecidos ou de qualquer forma menos famosos, até formar um enorme *corpus* de mais de setecentos composições, entre sonetos, décimas, romances, no qual é hoje de todo impossível distinguir o que é e o que não é de autoria de Matos. Além de traduções e recriações de poemas de Góngora, Quevedo e outros, abundam composições definitivamente de autoria alheia, outras — a maioria — cuja atribuição é problemática, e não podemos hoje identificar com certeza nem um núcleo mínimo de poemas gregorianos. A situação torna qualquer pesquisa, se não impossível, perigosa e movediça, e só uma edição crítica poderá resolver o problema, deixando espaço para a exegese.

Como lembra Pedro Calmon, existem vários testemunhos da existência literária de Matos já no século XVIII,:

> A sátira de Pinto Brandão, a menção do Peregrino da América, os códices setecentista provam que, não subindo para a dignidade dos prelos, [GM] caíra para o luxo das livrarias, dela saltando para a tradição popular (7).

De qualquer forma, já Araripe Jr., na monografia de 1894 sobre Matos, escrevia:

> A influência que Gregório de Matos exerceu no Brasil é di-

nando da Rocha, "Gregório de Matos: os códices em Portugal", in *Revista Brasileira de Cultura*, 9, Rio, 1971, pp. 105-114.

6) Cfr. Peres, *Gregório de Matos e Guerra - Uma re-visão biográfica*, Salvador, Macunaima, 1983, p. 68.

7) Calmon, Pedro, A *vida espantosa de Gregório de Matos*, Rio, José Olympio / Brasília, INL, 1983, p. 11.

fícil de determinar por via documentária. Tendo sido esquecido (...) no mundo literário, raras são as referências à sua pessoa até a época do romantismo; parece incontestável, entretanto, que essa influência se produziu na massa popular pela reprodução automática, pela imitação contínua do seu modo de poetar (8).

Convém pois examinar estas evidências nos autores das décadas seguintes.

No *corpus* publicado por James Amado, entre as obras que as didascálias não atribuem a Matos, duas são particularmente interessantes pelas informações que dão dele como poeta. A primeira, "Esta satyra dizem que fez certa pessoa de auctoridade ao poeta, pelo ter satyrizado, como fica dito, e a publicou em nome do vigário Lourenço Ribeiro"; a segunda, "Resposta do vigário Lourenço Ribeiro escandalizado de que o poeta o satyrizasse do modo que fica dito" (9). Na primeira sátira, o nome de Matos não é citado, mas as referências à sua vida parecem autorizar a acreditar que se trate efetivamente dele. Nos versos 39-40, lê-se: "ter consigo uma mulher / que é também de todo o povo", o que parece uma referência ao nome da segunda mulher do poeta, Maria dos Povos; nas estrofes 12-13

Mui contente, e muito ledo
mostra, que nãotem mais trato
de arranhar como gato
no Parnaso de Quevedo:
traz o mundo em um enredo
com sátiras tão malditas,
que achando-as em livro escritas
se admiram todos, que as vêem:
mas não o saiba ninguém.

Todas as tenho contadas
neste Parnaso das Musas,

8) Araripe Jr., Tristão de Alencar, *Gregório de Matos, 2a* ed., Rio, Garnier, 1910, p. 168.

9) Matos, *Obras completas*. Crônica do viver baiano seiscentista, ed. James Amado, 7 vols., Salvador, Janaína, 1968, IV, 782 e IV, 794.

que ficaram mui confusas,
vendo, que as tinha furtadas:
ao português retratadas
do castelhano as acharam,
e como mudas ficaram,
posto que não vai, nem vem:
mas não o saiba ninguém.

Há hoje certeza absoluta de que Matos traduziu vários poemas de Quevedo. No verso 127, temos "Que fora Juíz de fora" e nos 175-176 "remetê-lo à Inquisição / já uma vez se intentou": lembrando que Matos exerceu o cargo de Juíz de fora em Alcácer do Sal, em Portugal, e que em 1685 fora incriminado perante a Inquisição (o que inclusive nos permite datar esta sátira como posterior ao ano de 1685), parece realmente difícil que esta sátira não se refira a ele.

A segunda composição deixa menos dúvidas ainda quanto à identifição de Matos com o poeta satirizado por Ribeiro (admitindo que este seja o nome real do autor). A sátira começa pois assim:

Doutor Gregório Guaranha,
pirata do verso alheio,
caco, que o mundo tem cheio,
do que de Quevedo apanha:
já se conhece a maranha
das poesias, que vendes
por tuas, quando as emprestes
traduzir do castelhano;
não te envergonhas, magano?

Em outras edições temos "Gadanha" ao invês de "Guaranha". A terceira estrofe:

O soneto, que mandaste
ao Arcebispo elegante
é do Gongora ao Infante
Cardeal, e o furtaste:
(...)

Aqui Ribeiro refere-se a um soneto que efetivamente foi tra-

duzido de um gongorino (10). Nos versos 73-74, "Tua avó, de quem tomaste / de Guerra o falso apelido"; no verso 82, "Sendo casado em Lisboa" e no 118, "Teu pai foi outro Gregório", estes e outros todos fatos reais e documentados da biografia de Matos. Parece então provável que este Gregório Guaranha seja Matos, e nestes versos venenosos temos um testemunho importante da fama da qual gozava Gregório, pois evidentemente ninguém se daria ao trabalho de escrever sátiras tão ferinas contra um desconhecido. Não podemos porém esquecer que nada impede que estas duas sátiras tenham sido escritas pelo mesmo Matos, assim como não se pode absolutamente correr o risco de cair no mesmo erro de tantos estudiosos do passado, aceitando passivamente as referências e inventando a vida à luz dos poemas (11).

Sobre a segunda sátira citada, é interessante a observação de Hansen, que lembra a existência de uma novela picaresca em castelhano, *El siglo pitagórico y vida de D.Gregório Guadaña,* escrita por um português, Antônio Henrique Gomes, e publicada em Ruão em 1644. A sátira atribuída a Ribeiro, escreve Hansen,

> (...) utiliza os mesmos tópoi e a mesma disposição retórica da novela, aproveitando-se da homonímia para conferir o mesmo tratamento pejorativo ao tema da genealogia atribuída a Gregório de Matos e Guerra; (...) A sátira do vigário é convencionalíssima na emulação da novela picaresca (...) (12).

Enfim, poderia ser lembrada a troca de sátiras violentíssimas e ferozes entre Quevedo e Góngora (13).

10) Id., ibid., II, 238.

11) Cf. sobre este assunto Stegagno Picchio, Luciana, "Biografia e autobiografia: due studi in margine alle biografie camoniane", *Quaderni Portoghesi* 7-8 (1980), p. 21-111, nas p. 44-45. A *vida espantosa de Gregório de Matos,* de Calmon, cit., oferece vários exemplos dos "autoschediasmi" relevados pela estudiosa.

12) Hansen, João Adolfo, A *sátira e o engenho.* Gregório de Matos e a Bahia do século XVII. São Paulo, Companhia das Letras, 1989, p. 48-49.

13) Cf. as 16 sátiras contra Góngora em Quevedo, Francisco de, *Poesía original completa,* ed. de J.M. Blecua, Barcelona, Planeta, 1981, pp. 1162-1184; nas notas são citadas as sátiras de Góngora contra Quevedo.

Tomás Pinto Brandão, poeta português, nascido em Porto, viveu de 1664 a 1743. Ele não só conheceu Matos como viajou com ele de Lisboa para a Bahia em 1682, e, pelo que consta, conviveu longamente com o poeta baiano. Brandão deixou em seu *Pinto renascido,* publicado pela primeira vez em Lisboa em 1723, uma referência a Matos como poeta:

> Busquei a sociedade
> de um bacharel mazombo,
> que estava para a Bahia
> despachado e desgostoso
> de não lhe darem aquilo
> com que rogavam a outros;
> pelo crime de poeta
> sobre jurista famoso.
> Era Gregório de Matos
> (...) (14).

Existem singulares semelhanças entre as vidas e as obras dos dois poetas, que ambos, porém não juntos, passaram pela cadeia e foram degredados para Angola. Brandão também, como Gregório, teve um biógrafo, apesar de anônimo, que acrescentou ao *Pinto renascido* uma "*Vida sucinta e abreviada do autor* por um dos Acadêmicos Aplicados seu contemporâneo". Gregório de Matos cita várias vezes Brandão em seus poemas, e pelo menos um dos poemas do português apareceu como sendo de Gregório na edição de James Amado. É interessante notar como a *Vida* de Rabelo, da qual falar-se-á mais adiante, seja posterior à publicação do *Pinto Renascido,* ao qual talvez Rabelo tenha tido acesso e possa até ter utilizado alguns dados da biografia de Brandão para redigir a de Matos (15).

Padre Manoel Bernardes, citadíssimo pelos críticos a respeito de Matos (16), em *Nova Floresta,* de 1726, refere uma

14) Brandão, Tomás Pinto, *Pinto renascido, empenhado e desempenhado, 1º vôo,* Lisboa, 1753, cit. in Calmon, A *vida espantosa,* cit., p. 54-57.

15) Encontrei todas as informações sobre Tomás Pinto Brandão e sua obra em Peres, "O pinto novamente renascido", *Universitas* n. 8/9, Salvador, jan./agosto 1971, p. 215-249.

16) Cf. p. ex. Barreto, Plínio, *Gregório de Matos,* São Paulo, Levi, 1916,

décima que nos vários códices aparece como gregoriana; infelismente o autor português não nos informa a respeito da autoria da décima, e por isso o testemunho na verdade não tem aquela importância que lhe atribuiram alguns estudiosos: o anônimo repentista poderia ser Matos, na época em que vivia em Lisboa, como qualquer outro poeta. Eis a citação:

> Conhecemos aqui em Lisboa um homem que glosava motes (por dificultosos e paradoxos que fossem) sem deter-se mais do que enquanto corria a mão pelo bigode, torcendo-o na ponta. Uma vez lhe propôs o marquês de Fronteira o seguinte mote: "A mais formosa que Deus". Ele, levantando os olhos pensativos, e fazendo a ação costumada, saiu logo com a seguinte glossa:
>
> Com duas donzelas vim
> Ontem de uma romaria;
> Uma feia parecia;
> Outra era um Serafim.
> E, vendo-as eu assim
> Sós, sem os amantes seus
> Perguntei-lhes: Anjos meus,
> Quem vos pôs em tal estado?
> Disse a feia que o pecado;
> A mais formosa, que Deus (17).

João Ribeiro, que trascreve o texto, com leves diferenças, de um códice de sua propriedade, atribui sem exitações a glosa a Matos, mas acha, sem apoiar-se em evidências particularmente significativas, que seja uma tradução do espanhol (18).

Nuno Marques Pereira, o autor do *Peregrino da América*, cita Gregório duas vezes:

> Veja-se o que succedeu àquelle grande poeta Gregório de Matos (...), e bem conhecido foi pelo seu grande talento, que fazendo uns versos satíricos a certas personagem, foi desterrado da pátria, e fora della acabou miseravelmente, sem mais glória que a de ser conhecido por poeta satyrico, nome que grangeou tanto a custa de seus trabalhos e misérias.

> Havia um homem na cidade da Bahia, chamado João de Araújo: vulgarmente o apelidavam de João Magano, por ter sido do congresso do Doutor Gregório de Matos, que costumava levar-lhe os alvitres, e contar-lhe os sucessos que aconteciam na cidade, para os compor em versos (19).

A primeira edição deste romance alegórico é de 1728, e seguiram mais quatro, as de 1731, 1752, 1760 e 1765, o que representou um notável sucesso editorial no Portugal de então. Infelismente o segundo volume, onde se encontram as referências a Matos, só foi publicado em 1939 e por isso, apesar da notoriedade da obra, estas permaneceram desconhecidas até aquele ano.

A *Vida* de Manoel Pereira Rabelo, mesmo se inédita até 1841 (20), e raramente confiável no que concerne os dados biográficos, mais pródiga de anedotas do que de informações, é todavia um claro testemunho da importância e da fama da qual Matos gozava, como poeta, até pelo menos a metade do século XVIII. A obra é de difícil datação; *o terminus post quem* é o

pp. 30-31; Guerra, Alvaro, *Gregório de Matos, sua vida e suas obras,* São Paulo, Melhoramentos, 1922, pp. 19-20; Pinto, Manoel de Souza, "Um gênio da má língua. Gregório de Matos, o Boca do inferno", *Revista da Faculdade de Letras,* Universidade de Lisboa, II (1-2)1936, pp. 24-49: pp. 31-33; Calmon, *História da literatura baiana,* Rio, José Olympio, 1949, pp. 30-31; Menezes, Djacir, *Evolução do pensamento literário no Brasil,* Rio, Simões, 1954, p. 48; Gomes, João Carlos Teixeira, *Gregório de Matos, o Boca de Brasa.* Um estudo de plágio e criação intertextual, Petrópolis, Vozes, 1985, pp. 56-57.

17) Bernardes, P. Manoel, *Nova Floresta,* 5 vols., Porto, Lello & Irmão, 1949, vol. IV, p. 54.

18) Ribeiro, João, "Acerca de Gregório de Matos", in *Cartas devolvidas,* Porto, Lelo, 1925, pp. 96-102; cfr. também "O padre Manoel Bernardes e Gregório de Matos", in *O fabordão,* Rio, Garnier, 1910, pp. 55-63.

19) Pereira, Nuno Marques, *Compêndio narrativo do Peregrino da América,* 6a ed., 2 vols., Rio, ABL, 1939, II, p. 58; II, p. 111.

20) Neste ano parte dela foi publicada por Barbosa, J.da Cunha, "Biografia dos brasileiros distinctos por letras, armas, virtudes, etc.", *Revista Trimestral de História e Geografia,* Rio, Typ. Cabral, II, n. 9, abril de 1841, p. 267-274.

1743, pois o licenciado relata um acontecimento deste ano (21).

Pedro Calmon achou ter identificado Rabelo, que teria sido um pernambucano, nascido no Recife em 1717 e "latinista primoroso" (22). Existem no Arquivo de Marinha e Ultramar em Lisboa três documentos, todos da Bahia, de 1753, nos quais é citado um Manoel Pereira Rabello; obviamente porém nada atesta a identidade deste com o licenciado (23). Inocêncio da Silva cita Rabelo em seu *Dicionário,* enquanto Sacramento Blake só se refere ao licenciado no verbete sobre Matos (24).

Temos quatro diferentes versões da *Vida,* o que atesta uma boa difusão da obra, ainda que manuscrita. José Veríssimo lembra como Gregório tenha sido o único, entre os poetas coloniais brasileiros, a ter um biografo quase contemporâneo, e como isso, considerando também a existência de numerosos códices de seus poemas, ateste a fama e a estima tidas pelo poeta baiano.

Não pode-se todavia deixar de falar do caráter apologético e retórico da obra; como bem viu Hansen, comportamentos e ações atribuídos a Matos na *Vida* são encontráveis em outros escritos do século XVIII, costituindo-se em *exempla,* verdadeiros *tópoi* plenamente tradicionais. A obra porém a partir de 1841 foi lida como relato verossímil e fidedigno, enquanto iam se cristalizando vícios e façanhas através das obras dos críticos que viam como autênticas as oposições dualísticas típicas do barroco (25).

Enfim, é atribuída a Rabelo a compilação do códice que pertenceu a Celso Cunha e que serviu como base para a edição de James Amado, assim como a redação das didascálias que acompanham os poemas.

21) Rabelo, Manoel Pereira, "Vida do excelente poeta lírico, o Doutor Gregório de Matos e Guerra", in Matos, *Obra Poética,* cit., p. 1251-1270: cf. p. 1265.

22) Calmon, *História da literatura baiana,* cit., p. 30 e nota 20.

23) Cf. *Inventário dos documentos relativos ao Brasil existentes no Arquivo de marinha e Ultramar de Lisboa,* org. E. de Castro e Almeida, 8 vols., Rio, BN, 1913, I, 39 (doc. n. 393 de 23.2.1753 e doc. n. 420 de 28.2.1753); p. 49 (doc. n. 489 de 9.1.1753).

24) Silva, Inocêncio F.da, *Dicionário bibliográfico português,* 22 vols., Lisboa, Imprensa Nacional, 1858-1923, vol. XVI, p. 287; Blake, A.V.A. Sacramento, *Dicionário Bibliográfico Brasileiro,* 7 vols., Rio, Tip. Nacional, 1883-1902, III, p. 189-190.

25) Cf. Hansen, cit., cap. I passim.

Se, então, Gregório de Matos era conhecido, aliás famoso, circulavam numerosos códices de poemas considerados de sua autoria, fora biografado, é preciso tentar entender as razões do atraso da publicação de seus poemas.

Tem que ser examinada a situação da imprensa. No Brasil, é sabido, só houve imprensa a partir de 1808; neste País o livro aliás sempre foi visto com desconfiança, e até as bibliotecas então existentes não eram particulares e sim de ordens religiosas. Pelo contrário, como lembra Sérgio Buarque de Holanda, já em 1535 na Cidade do México eram impressos livros, e

> Em todas as principais cidades da América espanhola existiam estabelecimentos gráficos por volta de 1747, o ano em que aparece no Rio de Janeiro, para logo depois ser fechada, a oficina gráfica de Antônio Isidoro da Fonseca (26).

Não cabe aqui tentar explicar as razões deste obscurantismo lusitano; e de qualquer jeito, em Portugal a situação não era muito melhor, pois os livros estavam lá sujeitos a três censuras, como lembra Nelson Werneck Sodré: a Episcopal, a da Inquisição e a Régia. A partir de 1624 os livros para serem impressos dependiam das autoridades civis, e para circular dependiam da Cúria romana.

Esta situação mudou a partir de 1768, quando o marquês de Pombal aboliu as três censuras e instituiu a Real Mesa Censória, que vigorou até 1787. Nota ainda Sodré: "(...) se na metrópole feudal essas eram as condições, fácil é calcular quais seriam as que imperavam na colônia escravista (...)" (27).

Voltando à censura da época pombalina, é interessante notar como entre as obras proibidas pelo edital de 10.7.1769

26) Holanda, Sérgio Buarque de, *Raízes do Brasil,* 14ª ed., Rio, José Olympio, 1981, p. 85-86.

27) Sodré, Nelson Werneck, *História da imprensa no Brasil,* São Paulo, Martins Fontes, 1983, p. 10.

estivessem livros "obscenos", os "infamatórios", os que contivessem "sugestão de que siga perturbação do estado político e civil e desprezando os justos e prudentes dictames dos direitos divinos, natural e das gentes", assim como os que utilizassem os fatos sagrados em sentido diferente do usado pela igreja (28).

Parece pois evidente que a obra atribuída a Gregório, impublicável no Brasil, o fosse também em Portugal, onde muita parte dela, notavelmente a maioria das sátiras que o fizeram famoso (mesmo se, como se sabe, o poeta não escreveu só sátiras, mas também, por exemplo, líricas e poemas religiosos) ia cair inevitavelmente nas malhas da censura. Além disso, como nota Calmon, a não publicação, assim como a omissão por parte da Academia dos Esquecidos e da dos Renascidos e da *Biblioteca Lusitana* "deve-se com certeza à condenação oficial da sátira, atribuída à musa pornográfica, que não merecia as honras da divulgação" (29).

Enfim, pode ser lembrada a reprovação quase que generalizada da poesia barroca no século sucessivo, reprovação que por vezes dura ainda hoje — opositor implacável do barroco foi por exemplo Benedetto Croce, que via nele somente mau gosto e carência de idéias.

Nos últimos anos vem se sublinhando cada vez mais o papel que Gregório de Matos, e muito mais a obra a ele atribuída, teve na formação não só da literatura, como também e sobretudo da consciência nacional, ou seja, da noção brasileira de ser e representar uma cultura original e autônoma: disso ele foi também um dos maiores símbolos, e por isso ele foi lido tantas vezes como portador de valores na verdade de todo anacrônicos. Hoje, enquanto esta noção parece mais sólida e segura, o poeta pode deixar de representar o nativista ou o plagiário de obras alheias, o que seria a exaltação ou a negação, através dele, do valor e da originalidade da literatura nacional, e pode ser estudado, pelo menos provisoriamente, só em função daquilo que parece ter produzido. Provisoriamente, pois, se ele

28) Cf. Moraes, Rubens Borba de, *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*, Rio, Livros técnicos e científicos, 1979, p. 52-53.
29) Calmon, *A vida*, cit., p. 211.

ainda escrevesse, na certa comporia versos de fogo contra críticos e filólogos que o deixam ainda hoje no limbo indeterminado de um texto não estabelecido e poluído por inúmeras contaminações. Sabemos pois hoje com certeza que ele foi conhecido, estimado, admirado, citado, satirizado até, e que seus poemas, se ficaram inéditos, não permaneceram porém desconhecidos, entrando seguramente a fazer parte de uma tradição, talvez oral, talvez subterrânea, mas que de qualquer jeito preservou-os para que chegassem até nós.